

Moças de Vitória

DN 16-2-49

RUBEM BRAGA

1933
Em Vitória sou convidado para fazer parte de um júri que vai escolher, entre algumas votadas no concurso, a moça mais bonita do lugar. O júri, na verdade, tem uma função muito restrita nesse concurso: a primeira colocada dificilmente deixará de ser escolhida: tem, desde logo, 40 por cento dos pontos o seu favor. É uma linda loura de sorriso cheio de vida, filha do desembargador Finamore.

Na manhã seguinte, as admiradoras e amigas da senhorita Scampini, que ficou em segundo lugar, haveriam de me reconhecer em um bar e me ferir com seus ataques zombeiros. Na realidade, Ieda Scampini é muito bela, com sua mistura de sangue árabe e italiano; e sua colega de segundo lugar, Leda Lobato, é uma jovem morena excelente.

Mas para o jurado de fora que tiver alguma consciência, esse julgamento é uma loucura. As candidatas, em vestido de baile,

entram no salão do Saldanha sob a luz de um fraco refletor, fazem uma leve reverência para os senhores juizes, dão uma volta á sala e vão se postar, enfileiradas, diante da orquestra. Mais tarde, na sala secreta do Conselho, temos de dar notas para sua pele, seu rosto, seu corpo, suas pernas, sua distinção, simpatia e não sei que mais... De resto em nenhuma cidade do mundo seria mais difícil fazer um concurso assim do que em Vitória. Não conheço nenhuma outra cidade, com essa afitiva percentagem de moças bonitas. Elas inundam as ruas e sobram pelos cantos nos bailes, numa sadia e surpreendente variedade de talhes e de tipos.

É, na verdade, uma nobre raça, essa capixaba, onde o sangue índio e o negro se misturaram da maneira mais feliz, numa espantosa riqueza de tons e semi-tons, ao português, ao italiano, ao sirio, ao alemão, ao po-

lonês... Espanto-me por exemplo com essa mulher alta, uma loura de pele côr de cobre, de traços ao mesmo tempo firmes, finos e maliciosos. Tem os braços longos maravilhosamente torneados, a garganta alta e um talho tupi nos olhos: diz-me-me que é de Santa Teresa, filha de alemão e cabocla...

E essa outra morena de vestido branco, me informam que é meio sangue espanhol. Sua beleza é de uma simplicidade perfeita, no vestido branco, de alça, que lhe desnuda as costas e colhe na frente, numa orla de renda leve, os seios em flor. Calça uns sapatos abertos, sem salto, dourados; e esse ouro parece ser apenas um éco mais vivo de sua mesma pele queimada. Dança tão séria e suave, com esse ar de dignidade e indolência que parece uma doce marca das mulheres da ilha. De repente ri, a alguma coisa que o rapaz lhe diz, e seu riso é claro e familiar, quase de menina. Mas depois morde de leve a polpa do lábio e volteja novamente com aquele senso musical de prazer e de ordem, envolvida em seu misterio de moça...

Deus é grande! Ora, aqui me vejo a descrever moças bailando e gasto adjetivos como um adolescente. É o encantamento de Vitória, tão cheia de luz e de mar, convidando a mocidade a sorrir, e ser ágil, e ser bela. É o feitiço dessa ilha, que envolveu o ginasião que veio fazer segunda época de algebra, e comove o senhor de bigodes grisalhos que passa a caminho de uma reportagem qualquer...

(Transcrito do "Diário de Notícias")

16.2.49

60